



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MARIA FERNANDA BARBOSA SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA *PACHINKO* (2017),
DE MIN JIN LEE**

Pedreiras-MA
2024

MARIA FERNANDA BARBOSA SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA *PACHINKO* (2017),
DE MIN JIN LEE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Dra. Regilane Barbosa Maceno

Pedreiras-MA
2024

Santos, Maria Fernanda Barbosa

A representação feminina na obra *Pachinko* (2017), de Min Jin Lee / Maria Fernanda Barbosa Santos. – Pedreiras, MA, 2024.

56 f

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Regilane Barbosa Maceno

1. *Pachinko*. 2. Representação feminina. 3. patriarcado. 4. impasse cultural. I. Título

CDU: 82.09-055.2

Elaborado por Cássia Diniz- CRB 13/910

MARIA FERNANDA BARBOSA SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA *PACHINKO* (2017),
DE MIN JIN LEE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientador (a): Regilane Barbosa Maceno

Aprovação em: 30/ 07/ 2024



Documento assinado digitalmente
REGILANE BARBOSA MACENO
Data: 05/11/2024 16:00:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Regilane Barbosa Maceno (UEMA/SEMECTI)

ORIENTADOR



Documento assinado digitalmente
RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA
Data: 06/11/2024 21:38:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Rubenil da Silva Oliveira (UFMA)

1º EXAMINADOR



Documento assinado digitalmente
FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA
Data: 05/11/2024 13:03:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Francinaldo Pereira da Silva (UEMA)

2º EXAMINADOR

Ao meu filho amado, minha preciosa mãe, Edinete, e aos meus queridos irmãos por todo o apoio e incentivo. Dedico ainda à minha falecida tia, Erilene, que em vida torcia tanto por mim e me motivava. Todo o apoio de vocês proporcionou a concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua constante presença e cuidado em minha vida;

A minha querida orientadora, professora Dra. Regilane Barbosa Maceno, por toda a paciência, disponibilidade, parceria e confiança para comigo e esta pesquisa. Sua orientação foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho, e sua dedicação e empenho inspiraram-me a seguir em frente nos momentos mais desafiadores. Sua sabedoria e generosidade são um exemplo que levarei comigo para sempre;

A Universidade Estadual do Maranhão pelo ensino gratuito e de qualidade que me proporcionou a oportunidade de cursar o ensino superior;

A minha mãe e minha irmã caçula, por sempre estarem dispostas a ouvir meus choros e desabaços sobre a vida acadêmica, e por me motivarem a continuar, a nunca olhar para trás e desistir. Vocês foram essenciais nesse momento, e são essenciais na minha vida;

Ao meu filho querido por ser minha razão maior de estar nessa universidade e de me dedicar ao máximo;

A minha amiga Gabriela, por compartilhar da vida acadêmica, por me auxiliar na escolha de meu objeto de estudo, e por me ajudar com a parte do resumo em língua estrangeira. Sua amizade e companheirismo me deram forças pra chegar até aqui; E a todos que, de alguma forma, contribuíram com a realização deste trabalho.

“O que ela revisitava em sonhos era sua juventude, seu início e seus desejos... porque tinha sido assim que se tornara mulher. Sem Hansu, Isak e Noa, não teria feito a peregrinação àquela terra. Além do cotidiano daquela vida de ajumma, houvera momentos de beleza resplandecente e alguma glória também. Mesmo que ninguém soubesse, era verdade.”

Min Jin Lee.

RESUMO

A presente pesquisa tem como propósito analisar a representação feminina na obra de literatura coreana *Pachinko*. O *best seller*, escrito por Min Jin Lee (jornalista e escritora sul coreana-americana), e publicado no ano de 2017, narra a saga de quatro gerações de uma família de imigrantes coreanos no Japão, em específico da família de Sunja. Na obra é possível destacar a trajetória de mulheres excluídas e inferiorizadas em um período marcado por conflitos e repressões direcionados não só às mulheres, mas a todo um povo. Para tanto, objetiva-se, de forma geral, analisar como ocorre essa representação feminina na obra, e ainda busca, especificamente, discutir a questão da literatura coreana e da escrita feminina; descrever os desafios enfrentados pela mulher coreana do século XX em consonância com a obra; além de investigar a forma como a identidade das personagens femininas é moldada em meio ao impasse cultural ao longo da narrativa. Desse modo, o trabalho pauta-se em questões diretamente relacionadas a forma como as personagens femininas são moldadas pelo contexto diaspórico e pelas ideologias que as cercam, as quais estão envoltas pela diferença, e esta associa-se às questões de discriminação, violência patriarcal e pobreza predominantes na obra. Assim, este estudo caracteriza-se como bibliográfico de caráter qualitativo, e finalidade exploratória e descritiva. Nele buscou-se embasamento teórico em Lauretis (1994), Cho (2000); Saffioti (2001), Lee (2003); Koh (2003); Moreira (2016); Sentanin (2023), entre outros que se fizeram necessários ao estudo. Dessa forma, acredita-se que os objetivos foram alcançados, e a problemática solucionada.

Palavras-chave: *Pachinko*; representação feminina; patriarcado; impasse cultural.

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the female representation in work of Korean literature Pachinko. The best seller, written by Min Jin Lee and published in 2017, narrates the life and trajectory of excluded and inferior women in a period marked by conflicts and repression directed not only at women, but at an entire people. To this end, the objective is, in general, to analyze how female representation occurs in the work, considering the identity aspects, traditionalist and patriarchal perspectives of the male characters and the role played by women in the society of the time, in order to understand their experiences in a diverse and intercultural context. And it also seeks, specifically, to discuss the issue of Korean literature and women's writing; describe the challenges faced by twentieth-century Korean women in line with the work; in addition to investigating the way in which the identity of female characters is shaped in the midst of the cultural impasse throughout the narrative. Thus, the work is based on issues directly related to how female characters are shaped by the diasporic context and the ideologies that surround them, which are surrounded by difference, and are associated with the issues of discrimination, patriarchal violence and poverty that predominate in the work. This study is characterized as a bibliographic of qualitative character, and exploratory and descriptive purpose. In it, we sought theoretical basis in Lauretis (1994), Cho (2000); Saffioti (2001), Lee (2003); Koh (2003); Moreira (2016); Sentanin (2023), among others that are necessary for the study. In this way, it is believed that objectives are achieved, and the problem solved.

Keywords: Pachinko; female representation; patriarchate; cultural impasse

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A LITERATURA COREANA E A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA FEMININA.....	16
1.1 Breve contextualização da literatura (sul) coreana.....	17
1.2 O protagonismo feminino em pauta.....	20
1.2.1 O caso da mulher coreana.....	22
1.3 O romance coreano e a escrita de Min Jin Lee.....	25
1.3.1 <i>Pachinko</i> : uma história sobre mulheres.....	27
2 AS NUANCES DA EVOLUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA EM MEIO AO IMPASSE CULTURAL.....	31
2.1 O que é identidade?.....	32
2.2 A identidade moldada pelo contexto diaspórico.....	34
2.3 As influências da diferença na identidade feminina.....	38
3 OS DESAFIOS DA MULHER COREANA DO SÉCULO XX.....	41
3.1 O patriarcado na narrativa de Min Jin Lee.....	41
3.2 A discriminação étnica e de gênero como elo narrativo.....	46
3.3 A pobreza como fator opressivo.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

A literatura tem sido como um campo fértil para explorar e desafiar as normas sociais e culturais que moldam as vidas das mulheres ao redor do mundo. Ao longo da história, a representação das personagens femininas tem evoluído de simples estereótipos para retratos complexos e multifacetados que capturam a essência das experiências femininas. Essas narrativas não refletem apenas as realidades sociais e culturais de seus contextos, mas também desempenham um papel crucial em amplificar vozes historicamente marginalizadas.

Dessa forma, conforme Schwantes (2006, p.8), a literatura se consagra como um privilegiado campo que possibilita a representação feminina, que não só retrata as experiências das mulheres, mas também destaca a forma como esta representação acontece.

Visto isso, a presente pesquisa tem como propósito analisar a representação feminina na obra de literatura coreana *Pachinko*. O *best seller*, escrito por Min Jin Lee (Jornalista e escritora sul coreana-americana que nasceu em 1968 na Coreia do Sul e que na infância imigrou para Nova Iorque nos Estados Unidos) e publicado no ano de 2017, com tradução para a língua portuguesa publicada em 2020 pela editora Intrínseca, narra a vida e a trajetória de mulheres excluídas e inferiorizadas em um período marcado por conflitos e repressões direcionados não só as mulheres, mas a todo um povo.

O interesse de pesquisar sobre essa temática nessa obra, relaciona-se a minha admiração pela cultura coreana, a qual tive um maior contato em 2021 através dos chamados *K-dramas*¹ ou *doramas*, sendo este último um termo popular utilizado para referir-se às produções audiovisuais asiáticas como séries e novelas. E a partir de um K-drama, chamado *Pachinko*, que foi adaptado da obra de Min Jin Lee em 2022, eu pude conhecer o livro e enxergar um potencial de pesquisa nele. Em meio as dúvidas de trabalhar ou não com a obra de Min Jin Lee como o *corpus* de análise do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma amiga me incentivou a “pesquisar o que gosto”, e assim nasceu esta pesquisa.

Pachinko explora os diversos contextos sociais, culturais e históricos, nos

¹ *K-dramas* ou *Korean dramas* (dramas coreanos) é a expressão para indicar que uma determinada série ou qualquer outra produção audiovisual é originária da Coreia do Sul.

quais são retratadas as mais diversas formas de violência ao ser humano e, principalmente, à mulher. Visto isso, este trabalho propõe responder a seguinte pergunta: como se dá a representação da figura feminina na obra *Pachinko*?

A partir desse ponto, deve-se considerar alguns desafios e dificuldades do povo coreano, apresentados na obra de Lee, e principalmente da figura feminina nos anos de 1900, período no qual se desenvolveram diversos conflitos no Ocidente e no Oriente, tal como o período colonial japonês na Coreia (1910-1945), a segunda guerra mundial (1939-1945), na qual o Japão esteve diretamente envolvido, e em última análise, a guerra que resultou na separação da península coreana em Norte e Sul (1950-1953), que influenciaram nas lutas e desafios que as personagens femininas enfrentaram em meio a uma sociedade tradicional e patriarcal, num período em que aconteciam diversas atrocidades no desenrolar desses conflitos. Nesse contexto, considera-se que essas mulheres são ambientadas lidando com as expectativas sociais, o papel da mulher na família, as violências do patriarcado, xenofobia, discriminação e as limitações impostas pela cultura e tradição.

Cientificamente, o trabalho centra-se num assunto que tem sido extensivamente estudado a partir de diversas perspectivas, mas este trabalho, em específico, concentrou-se em analisar esta temática numa obra pouco conhecida pelo público brasileiro, representando uma oportunidade de se conhecer e estudar mais a respeito, focando em aspectos que mostraram-se pouco explorados. Espera-se, portanto, contribuir para ampliação do conhecimento sobre a literatura coreana, bem como dessa temática no meio acadêmico.

Para tanto, objetiva-se, de forma geral, analisar como ocorre a representação feminina na obra, considerando os aspectos identitários, perspectivas tradicionalistas e patriarcais dos personagens masculinos e o papel exercido pela mulher na sociedade da época, a fim de compreender as vivências das mulheres dentro de contextos diversos e interculturais. E ainda busca, especificamente, discutir a questão da literatura coreana e da escrita feminina; descrever os desafios enfrentados pela mulher coreana do século XX em consonância com a obra; além de investigar a forma como a identidade das personagens femininas é moldada em meio ao impasse cultural ao longo da narrativa.

Para a realização desta pesquisa, foram adotados alguns procedimentos

metodológicos que resultassem no alcance dos objetivos nela propostos. Aqui serão descritos cada um deles quanto aos meios, fins e abordagens. Quanto aos meios de investigação, o estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, onde ocorreu a revisão da obra literária, de artigos acadêmicos, monografias e livros que abordam as teorias feministas em meio ao patriarcado, que traçam os percursos da literatura coreana e que abordam questões de identidade e representação.

Quanto as suas finalidades, a pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva. Exploratória porque realiza uma proposta de pesquisa na qual tem-se pouco conhecimento acumulado por parte da comunidade científica (BRASILEIRO, 2021, p.76). E institui-se como descritiva por fazer uma descrição pormenorizada das situações de discriminação e identidade encontradas na obra.

Sua abordagem qualifica-se como qualitativa, uma vez que ocorre a análise detalhada de trechos selecionados para destacar nuances na representação feminina. Nisto, esta pesquisa relaciona-se a perspectiva teórica embasada nos estudos de grandes teóricos que analisam temas como a literatura coreana, incluindo Cho (2000) e Lee (2003); e de que ainda discutem acerca da escrita feminina na literaturacoreana como Koh (2003) e Moreira (2016).

Ainda utilizou-se os estudos de Lauretis (1994) e Saffioti (2001) acerca das concepções atribuídas ao patriarcado no sentido da “dominação masculina”, além das análises de Parrilha (2022) e Sentanin (2023). Ainda utilizou-se as contribuições de Stuart Hall (2006) e Tomaz Tadeu (2014) a respeito da concepção de identidade através do viés cultural, e da relação instituída entre a identidade e a diferença, dentre outras abordagens e estudos necessários à pesquisa.

Com isso, este estudo estrutura-se em três capítulos. O primeiro, descreve a questão da literatura coreana e da escrita feminina, onde realiza-se uma breve contextualização do panorama de formação dessa literatura e dos desafios traçados pelas escritoras mulheres até finalmente serem retratadas pela perspectiva feminina dentro das obras literárias e conseguirem alcançar uma autenticidade no ramo literário.

Neste capítulo ainda apresenta-se a questão do protagonismo feminino na literatura das últimas décadas na construção de narrativas sobre mulheres – em especial a mulher coreana – em meio a uma sociedade tradicional e patriarcal. As

influências confucionistas também são apontadas como o princípio da divisão das relações de homens e mulheres nas esferas pública e privada (ou externa e interna), que acentuam a questão das influências patriarcais como obstáculos ao desenvolvimento da escrita e representação feminina.

Nisto, destaca-se o fato de que a escrita das mulheres era posta como algo completamente impossível, uma vez que esse espaço literário era dominado pelos homens, e o sistema patriarcal perpetuava as desigualdades de gênero, moldando o olhar literário masculino em relação às mulheres.

No contexto sul-coreano, autoras como Han Kang, Kim Namjoo e Min Jin Lee vêm conquistando espaço no cenário literário mundial com narrativas poderosas que exploram as complexidades da experiência feminina. Suas obras oferecem uma perspectiva única e vital sobre as lutas e triunfos das mulheres na sociedade sul-coreana, desafiando as expectativas culturais e redefinindo o papel da mulher na literatura contemporânea. Ao decorrer do capítulo, será apresentado e contextualizado a respeito do romance coreano e a escrita de Min Jin Lee, além de descrever a obra *Pachinko*, situando-a no âmbito da representação feminina.

No segundo capítulo – As nuances da evolução identitária feminina em meio ao impasse cultural – utilizou-se os estudos de Tomaz Tadeu (2014) sobre identidade e diferença no contexto cultural, e de Stuart Hall (2006) acerca da identidade cultural na pós-modernidade, na qual o autor apresenta três concepções de identidade. Dentre elas, volta-se a atenção para a identidade do sujeito pós-moderno, já que a partir dele identifica-se o surgimento de uma crise de identidade, uma vez que esse sujeito é alguém que não possui uma identidade fixa, estabelecendo-se, portanto, como um ser descentralizado e fragmentado. Essa questão de crise identitária é percebida na obra tanto por parte dos homens como também das mulheres, que encontram dificuldades em estabelecer uma identidade, particularmente cultural-nacional, em meio ao impasse de culturas no qual estão situados.

No terceiro e último capítulo – Os desafios da mulher coreana do século XX – buscou-se argumentar acerca dos principais obstáculos enfrentados pela mulher da época, nos quais destacam-se o patriarcado, a discriminação e a pobreza, interligados a questão étnica, de gênero e relacionadas aos períodos de conflitos. Através das definições e contribuições sobre o patriarcado por teóricas feministas

como Lauretis (1994), Saffioti (2004) e Lerner (2019), que são nomes de grande importância para os estudos feministas, tem-se a realização de uma breve análise deste elemento tão presente na narrativa.

A discriminação, por outro lado, é o fruto das influências patriarcais e diferenças culturais, além do tradicionalismo familiar oriental que, de certa forma, são colocados como obstáculos no caminho da construção do protagonismo da mulher na obra. Por fim, tem-se a pobreza como o pontapé inicial das questões de opressão em relação ao lugar da mulher, uma vez que é essa pobreza que vai fazer com que essa mulher seja oprimida pelo simples fato de almejar o trabalho remunerado para auxiliá-las despesas da casa.

Assim, entende-se que utilizando as teorias e estudos acima, os objetivos inicialmente propostos são alcançados e que por meio das discussões realizadas acerca do papel feminino na literatura sul-coreana, sobre as perspectivas feministas relativas ao patriarcado e a questão identitária da mulher em meio a obra, soluciona-se o problema a respeito da representação feminina em *Pachinko*.

1 A LITERATURA COREANA E A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA FEMININA

“A literatura é um campo privilegiado de representação do feminino.”

Cíntia Schwantes

Cada sociedade possui uma literatura, e esta se estabelece como um importante meio de comunicação entre culturas e povos, com a qual pode-se conhecer a história e os valores que ela carrega, além de cimentar as identificações dos indivíduos.

Segundo Antonio Candido, em seu clássico ensaio *Direito à literatura*, a literatura, de forma ampla, aparece como uma “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela” (2011, p.174). Com isso, ela é posta como uma expressão fundamental da experiênciahumana, transcendente de época e cultura.

De acordo com esse autor, cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas em consonância com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (Candido, 2003, p.175). Assim, a literatura pode ser vista como um reflexo da sociedade que a cria e que possibilita a consolidação de sua identidade cultural e social. Por meio de sua produção literária, uma sociedade encontra uma maneira de se entender, se comunicar e se perpetuar.

Nesta direção apontada pelo teórico, a literatura coreana, com raízes que remontam a tradição oral, evoluiu de forma significativa ao longo dos séculos, refletindo as mudanças sociais, políticas e culturais da península. Sua formação tardia contempla vivências de seu povo em períodos distintos da história. Grande parte dessa historicidade proporcionou o surgimento e desenvolvimento dessa literatura. Em contrapartida, alguns acontecimentos influenciaram no enfraquecimento das produções literárias realizadas por mulheres. Em meio a isso, a escrita feminina desenvolveu-se a passos lentos, em razão de um grande obstáculo que pairava sobre essas escritoras desde o início de sua construção: o patriarcado.

Discorrer sobre a escrita e a representação feminina na literatura coreana é

descrever as inúmeras barreiras impostas pela “dominação masculina” no círculo literário, no qual algumas ideologias e conflitos fizeram com que essas mulheres não tivessem tanta liberdade de expressão quanto os homens. Assim, através desses desafios que alojaram-se na realidade dessas mulheres, elas buscaram romper e consagrar esse ambiente literário como “um campo privilegiado de representação do feminino (Schwantes”, 2006, p.8).

1.1 Breve Contextualização da Literatura (Sul) Coreana

A literatura coreana, segundo Cho Dongil (2000), é aquela produzida no idioma da Coreia, por autores e receptores coreanos. Assim, essa literatura identifica-se somente com o povo coreano, não possuindo dificuldades em delimitá-la.

As produções literárias coreanas tiveram início na tradição oral e foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos. Seu desenvolvimento foi bastante conturbado, em razão do período da invasão à Coreia pelos japoneses em 1910, interferindo negativamente na identidade do país que, em decorrência desse fatídico acontecimento, perdeu sua independência. Acerca disso, Cho (2000) afirma que:

Na história da literatura coreana pode-se ver algumas características típicas do desenvolvimento de uma literatura nacional. Durante o domínio colonial do Japão, a independência foi perdida; no entanto, os coreanos conseguiram manter a língua e, portanto, continuaram uniformemente o desenvolvimento de sua literatura². (Cho D., 2000, p. 17, tradução nossa).

O território coreano foi anexado ao Japão no ano de 1910, iniciando-se um longo período de autoritarismo e violência. Apesar disso, o povo coreano buscou preservar seus costumes, seu idioma e desenvolver sua literatura em meio a repressão que lhes era dada naquele período.

Nisto, destaca-se a questão da resiliência cultural e a importância da literatura como um elemento de identidade nacional, sendo ela o principal meio de manter essa consciência identitária do povo coreano. O resultado disso mostra uma vasta produção que descreve como os coreanos viviam em meio a esse triste

² Texto original: “En la historia de la literatura coreana se pueden ver algunos rasgos típicos del desarrollo de una literatura nacional. Durante el dominio colonial de Japón se perdió la independencia; sin embargo, los coreanos lograron mantener el idioma y, por ende, continuaron uniformemente el desarrollo de su literatura” (Cho D., 2000, p.17).

episódio de sua história como nação. Cho (2000) ainda afirma que:

Atualmente, para entender a literatura coreana, devemos dividi-la de acordo com três modos de expressão: literatura oral, literatura escrita com caracteres chineses e literatura escrita no alfabeto coreano. Podemos considerar, então, que a sua história é composta por esses três tipos de manifestações³ (Cho D., 2000, p.18, tradução nossa).

A literatura coreana, como visto anteriormente, teve início muito antes da invasão japonesa, sendo definida como a literatura produzida no idioma da Coreia onde as manifestações orais, como mitos e lendas próprias da cultura coreana eram contadas através de cantos épicos. Essa prática da oralidade, segundo Cho Dongil (2000), perdura até os dias atuais. Contudo, o fato de essa manifestação literária ser oral, não a descarta como parte dessa literatura, pois não se leva em conta somente a escrita, mas tudo o que é expresso no idioma coreano.

O caso da escrita chinesa é semelhante ao da tradição oral. Ela foi bastante utilizada pelos coreanos durante vários anos, contudo era uma escrita bastante complexa e de difícil acesso para os mais desfavorecidos socialmente. O fato de não ser uma literatura puramente coreana, traz o questionamento de o porquê ela faz parte desse processo.

Cho (2000, p.19) justifica essa questão com a afirmação de que “a escrita com caracteres chineses foi realizada por coreanos, destinada aos coreanos e expressava sua vida e sentimentos”, por isso ela é tida como uma importante contribuição para o processo de formação da literatura coreana, pois a partir dela possibilitou-se a criação de uma nova escrita (a puramente coreana) inventada durante a dinastia *Joseon* ou *Chosŏn* (1392-1910), no ano de 1443 pelo rei Sejeong, o grande, e nomeada como *Hunminjeongeum*⁴, que mais tarde ficou conhecido como *Hangul*, atual sistema de escrita sul-coreano, com o qual foi possível estabelecer uma identidade linguística ao país.

Sendo assim, a literatura coreana é constituída de uma forma diferente da literatura brasileira, com uma divisão estabelecida entre produções orais, literatura

³ “En la actualidad, para poder comprender la literatura coreana debemos dividirla de acuerdo com tres modos de expresión: la literatura oral, la literatura escrita com caracteres chinos y la literatura escrita en alfabeto coreano. Podemos considerar, entonces, que su historia está integrada de estos tres tipos de manifestaciones” (Cho D., 2000, p.18).

⁴ Forma romanizada do coreano 훈민정음, que significa: escrita correta para ensinar o povo.

escrita com caracteres chineses e literatura produzida com a escrita coreana. Essa divisão apresentada por Cho (2000) é considerada a formação básica dessa literatura, uma vez que, posteriormente, são apresentadas mais duas categorias: a da prosa clássica e a da prosa moderna.

Cho Namhyun (2000, p.341), destaca que a literatura moderna coreana desenvolveu-se em meio a “luta contra o imperialismo, o feudalismo e o desumano”. Isso enfatiza que essa literatura possui uma profunda produção interligada aos períodos mais difíceis da história do país. Em meio a isso, Camila Reis Moreira (2017, p.15) afirma que:

Nenhuma literatura é desprovida de uma carga histórico-social, dependente obrigatória da interpretação do tempo. A literatura coreana passou por um longo processo de definição na modernidade – se distanciando da narrativa puramente histórica – após anos de imperialismo japonês, guerras e separação do país. E todos esses elementos atuaram como cicatrizes representadas nas obras literárias do século XX em diante. (Moreira, 2017, p.15)

Partindo dessa linha de pensamento, observa-se que a literatura é uma expressão cultural intrinsecamente ligada ao contexto em que é produzida. Nela são refletidas as preocupações, os valores e os conflitos de uma sociedade em um determinado momento no tempo.

Em relação a literatura coreana, o longo processo de definição na modernidade foi profundamente influenciado por eventos históricos significativos, como o imperialismo japonês, as guerras e a divisão do país. Durante o período de ocupação japonesa (1910-1945), a Coreia enfrentou uma supressão cultural e política, o que gerou um impacto profundo na produção literária. Essa trágica experiência se reflete em muitas obras literárias da época, que retratam a luta pela identidade cultural e a resistência à opressão, ocorrida principalmente nos anos de 1940, considerado por Peter H. Lee como o “período negro em todos os ramos da literatura coreana” (Lee, 2003, p.379).

As guerras que assolaram a península coreana, como a Guerra da Coreia (1950-1953), também deixaram marcas indelévels na literatura do país. A respeito disso, Moreira (2016, p.16) complementa que:

Logo após a libertação do país do domínio japonês e separação das Coreia do Sul e do Norte, o país ao sul da península coreana se encontrou em uma situação emergencial para definir suas raízes nacionais e superar os danos e perdas causados pela guerra que se refletiu nas obras literárias das décadas seguintes.

A busca para definir sua história e identidade – que começou durante o colonialismo japonês (1910 – 1945), tanto por meio de obras tradicionais quanto por literatura moderna, gerou o que ficou conhecido como “literatura nacional” (Moreira, 2016, p.16).

Tanto a literatura tradicional, quanto a literatura moderna desempenharam papéis importantes na busca pela preservação cultural e pela construção da identidade, o que culminou na criação do que ficou conhecido como “literatura nacional”. Essa literatura nacional refletia os esforços dos escritores coreanos para explorar e afirmar sua identidade cultural única, ao mesmo tempo em que respondiam aos desafios históricos e sociais enfrentados pelo país.

Nisto, compreende-se que a literatura nacional sul-coreana surgiu como uma resposta à necessidade de definir e afirmar a identidade do país após a libertação do domínio japonês e a divisão do território coreano.

1.2 O Protagonismo feminino em Pauta

É evidente que o Ocidente e o Oriente possuem diferenças significativas diretamente relacionadas à heterogeneidade cultural e aos outros fatores que se inserem na sociedade. Porém, é importante salientar que ambos, apesar dos atritos culturais, possuem um ponto comum: o protagonismo feminino em contraste com o patriarcado.

Esse protagonismo, na realidade coreana, possui um grande impacto no âmbito literário que, conforme afirma Moreira (2016, p.19), “sempre havia sido, de modo geral, um ambiente masculino que deixava o discurso feminino recluso aos ambientes internos da casa e círculos sociais específicos”, ou seja, a literatura coreana nem sempre esteve adepta a adoção da representatividade e participação feminina na produção e no protagonismo das narrativas de sua literatura, estabelecendo, de certa forma, uma ideologia de caráter machista, que resumia a mulher a um indivíduo que não poderia expressar-se fora de seu ambiente de convívio diário.

Diante disso, Helen Koh (2003, p.35) afirma que a ética confucionista⁵ foi a base originária dessas relações opostas entre homens e mulheres no território coreano. Durante a dinastia *Joseon*, adotou-se a ideologia confucionista que

⁵ O Confucionismo é um sistema ético, filosófico e religioso chinês, fundado por Confúcio. Foi a doutrina oficial da China por mais de dois mil anos, até o início do século XX, conforme a Enciclopédia Significados (online). Disponível em: <https://www.significados.com.br/confucionismo/>

primava por uma aprendizagem “como meio de aperfeiçoamento pessoal” que, contudo, não era igualitária para homens e mulheres. Em outras palavras, a consolidação do confucionismo impôs uma estrutura patriarcal rígida que restringia severamente o papel das mulheres na sociedade, negando-lhes formalidades educacionais, legais e econômicas.

Com isso, o âmbito literário sul-coreano era bem restrito em termos de produção de autoria feminina. O patriarcado foi um grande obstáculo que, historicamente, limitou o acesso das mulheres a oportunidade de publicação e reconhecimento literário.

Vanessa Amancio da Silva (2021, p.2) delimita que o patriarcado, em sua essência, é um sistema de dominação que enaltece a supremacia do gênero masculino em detrimento da inferioridade e subordinação do gênero feminino. Assim, pode-se entender que a dominação masculina impôs inúmeras barreiras que limitaram as oportunidades e a visibilidade das mulheres, tanto no contexto social, quanto no literário.

De acordo com Carolyn So (2003, p.406), antes do século XX, a maioria das mulheres coreanas escreviam seus trabalhos em casa, no entanto, o espaço literário foi sendo conquistado aos poucos por volta do início do século XX, período em que as escritoras coreanas começaram a aparecer em revistas literárias, nos domínios sociais e públicos. A autora ainda contextualiza que isso se deu graças ao “impulso à participação de mulheres proporcionado por movimentos ligados ao iluminismo, modernização e, em última análise, à libertação da Coreia” (So, 2003, p.406).

Nesse contexto de modernização, o patriarcado confucionista “transformou-se numa nova forma de patriarcado, que exigia que as mulheres fossem ‘modernas’, permanecendo ainda dentro das restrições do papel de gênero confucionista” (So, 2003, p.406). Em meio a isso, boa parte da produção literária desse período pautava-se em questões relacionadas aos conflitos, dilemas sociais, culturais e também históricos. Conforme Moreira (2016, p.20):

A partir da década de 1950 e 1960, a narrativa desenvolvida por mulheres começa a passar por uma transição dentro do sistema coreano por meio de “romances de costumes”. Tal mudança foi acarretada pelas questões ideológicas que surgiram pós-libertação e pela situação política complicada gerada pela luta de estabelecer uma nação. A abertura do

país, também gerou uma pressão por direitos iguais entre gêneros como acesso a educação e liberdade de pensamento. Logo, esse período viu também o surgimento das primeiras obras influentes sobre questões de gênero e posicionamento da mulher na sociedade (Moreira, 2016, p.20).

A partir desse período, percebe-se uma maior participação das mulheres na literatura no que diz respeito ao exercício da exploração de temas como a igualdade de gênero, os direitos das mulheres e seu respectivo papel na sociedade coreana. Outras optaram por utilizar os "romances de costumes" para tratar das incertezas políticas e econômicas que assolavam o país em meio à pós-libertação.

Moreira (2016, p.20) ainda sugere uma certa evolução no contexto literário feminino, no qual a abertura forçada do país à modernidade apresentou às mulheres um novo mundo dominado pela liberdade de expressão e por valores desconhecidos. Nisto, as obras escritas por mulheres passaram a abordar uma forma de amor que viabilizasse um possível escapismo das amarras da tradição confucionista.

A produção feminina da década de 1970, em sua maioria, era vista como integrante de uma "minoridade excepcional" pelo sistema masculino predominante de valores ou padrões de avaliação mais apropriados a uma tradição literária masculina. Contudo, isso ainda não era o suficiente para que as produções fossem reconhecidas como autênticas.

Somente na década de 1990, a produção feminina, "baseada nas respectivas características dos diferentes autores, alcançou uma forma de escrita que pode ser chamada de literatura autêntica" (Yun, 2003, p.496). Dessa forma, a escrita feminina ganhou uma característica própria e autêntica, que possibilitou seu avanço e evolução no decorrer dos anos.

1.2.1 O caso da mulher coreana

As informações acima descritas estão intrinsecamente ligadas à questão do protagonismo feminino em meio a participação na escrita literária do território coreano, que possuía (e ainda possui) uma grande restrição às atribuições sociais destinadas à mulher. Com a implantação do confucionismo no território

coreano do período *Joseon* (1392-1910), houve uma dada separação entre homens e mulheres, na qual, conforme afirma Koh,

As mulheres estavam restritas ao santuário interno da vida doméstica e do cuidado familiar, enquanto os homens ocupavam adequadamente a esfera exterior que governava a vida da família – política, ética e a posse de bens. Idealmente, essas duas esferas eram consideradas complementares e não eram necessariamente hierárquicas, mas na verdade a exclusão das mulheres do domínio exterior significava a negação da formalidade, educação, direitos legais e meios econômicos. (Koh, 2003, p.35)

A supervalorização da família tradicional torna-se um dos pontos que, na realidade asiática, impulsionam questões como a hierarquização de gêneros, elevando o *status* do homem como tal, em um papel de “provedor” da casa, enquanto à mulher cabe apenas o dever de cuidar do lar e dos filhos.

Em outros termos, a exclusão das mulheres da esfera pública fez com que a escrita feminina ocorresse de forma lenta e em menor número, uma vez que nem todas possuíam acesso à educação. Somente as mulheres pertencentes à elite da época conseguiram ascender no ramo da escrita.

Dentre estas autoras, destacam-se Shin Saimdang, Heo Nanseolheon e a princesa Hyegyeong. Essas mulheres, viviam em contextos diferentes e possuíam escritas distintas. O sentimentalismo feminino, o lamento contra a vida de mãe e esposa e os registros de trágicas memórias da família real caracterizam a escrita destas importantes poetisas do período *Joseon*. Todos estes escritos se sucederam antes do início do período colonial japonês.

Com o final do século XIX, a tamanha necessidade de modernização fez com que a sociedade confucionista fosse substituída por uma modernização inicial chamada Nova Era. A pesquisadora Helen Koh (2003, p.37) ainda destaca que houve uma grande mudança no pensamento feminino da época, que ia contra “as virtudes femininas tradicionais”, tornando-as mulheres de pensamento livre, com um posicionamento que diferenciava sua escrita das de escritoras da era *Joseon*.

Peter H. Lee (2003, p.385), aborda que em 1920, muitas mulheres pioneiras da poesia coreana “desafiaram a hierarquia sexual de gênero da agressão masculina e da passividade feminina”. Isto, por si só, proporcionou um grande avanço nas discussões sobre gênero na colônia japonesa. Na Hyesok (1896-1948) foi uma das poetisas pioneiras da época, formada pela *Tokyo Arts*

College, e escreveu narrativas que desafiaram os preceitos patriarcais da sociedade vigente. Em 1918, ela escreveu uma ficção moderna que voltava a narrativa para a interioridade da protagonista feminina. A respeito dessa obra, intitulada “*Kyunghee*”, Koh (2003, p. 38-39) afirma que:

O sucesso inicial de Na parecia afirmar a possibilidade de uma mulher ser capaz de seguir suas próprias atividades literárias e artísticas, sem deixar de cumprir a obrigação social de se casar e ter filhos. [...] Desde muito cedo, Na estava acostumada a expressar seus pensamentos livremente e se baseou totalmente em sua vida pessoal para escrever. [...] Apesar de todos os privilégios concedidos a ela, Na Hyesòk não conseguiu resistir à condenação de uma sociedade que podia admirar a Nova Mulher em abstrato, mas não conseguia tolerar a rejeição provocativa da moralidade tradicional por parte de uma mulher (Koh, 2003, p. 38-39).

Apesar da evolução do pensamento feminino na escrita, ainda havia bastante repressão na sociedade que condenava o “espírito livre” das mulheres. A influência de sua vida pessoal em sua escrita, fez com que Na Hyesok enfrentasse os julgamentos da sociedade, a mesma sociedade, que até admirava o conceito da “Nova Mulher” de forma abstrata, mas que não conseguia aceitar a rejeição das normas tradicionais de moralidade que a representava. Em resumo, seu exemplo ilustra o conflito entre a busca por uma vida autônoma e a pressão de uma sociedade conservadora que não estava pronta para aceitar mudanças radicais no comportamento feminino.

Na contemporaneidade, grandes obras reconhecidas internacionalmente como *A vegetariana*, de Han Kang; *Pachinko*, de Min Jin Lee; e *Kim Ji Young, nascida em 1982*, de Cho Nam Joo, são exemplos da conquista feminina no campo da escrita sul-coreana. Cada uma dessas obras retrata a mulher de uma forma específica, a partir da perspectiva feminina.

Pachinko, que é o objeto de análise deste trabalho, configura a mulher como um ser humano sofrido, que vivia aprisionado ao sistema patriarcal, onde cabia ao marido validar o lugar em que a mulher deveria estar, a qual, na maioria das vezes, era restringida aos papéis domésticos, embasados na expectativa de dedicarem-se à família e aos cuidados do lar.

Em meio à guerra e ao pensamento patriarcal, essas mulheres encontraram-se em uma situação de submissão. Porém, esse papel foi sendo invertido, o que é apresentado em diversas abordagens da obra, como, por exemplo, na

personagem Yangjin, mãe de Sunja, que, ao ficar viúva, ocupou as funções que anteriormente eram exercidas por seu marido.

Em *A Vegetariana*, de Han Kang, há a representação do distanciamento relativo à progressão humana de uma mulher que decide romper com os ideais que lhe eram impostos pelo marido e pela família. A obra de Cho Nam Joo também retrata a mulher como alguém que necessita ganhar a liberdade em meio aos anseios e desejos numa sociedade que é podada pelos homens.

Essas obras revelam que, aos poucos, a mulher conseguiu adquirir seu espaço no fazer literário e na própria literatura. Sua trajetória nesse âmbito foi marcada por uma evolução significativa, mas também por desafios impostos pelo patriarcado. O reconhecimento da diversidade de vozes e a superação de barreiras continuam a ser elementos cruciais para uma representação mais justa e inclusiva na literatura.

1.3 O romance coreano e a escrita de Min Jin Lee

Min Jin Lee é uma escritora e jornalista, nascida em 11 de novembro de 1968 em Seul, Coreia do Sul, e que aos sete anos de idade imigrou para Nova Iorque, nos Estados Unidos. Sua transposição cultural influencia diretamente sua escrita, promovendo uma perspectiva autêntica sobre sua experiência de imigrante em suas obras. Seus trabalhos mais conhecidos são *Comida grátis para milionários* (2007) e *Pachinko* (2017) com os quais constantemente tem afirmado seu lugar na literatura contemporânea, expondo narrativas de identidade, família e exploração da diáspora coreana.

A diáspora, na “origem semântica grega da palavra – *día*= sobre, *sperio*= semear – remete à ideia de dispersão, mobilidade de povos para fora do seu local de origem. Esses processos de saídas coletivas, forçadas ou não” (Maceno, 2021, p. 29). Partindo dessa concepção de Maceno, entende-se que Lee, em sua obra *Pachinko*, aborda sobre os deslocamentos do povo coreano em meio aos inúmeros fatores históricos que os assolavam.

Desde a saída da península coreana, aos deslocamentos provocados pelas guerras, Min Jin Lee cria uma estória que reflete a história, uma vez que muitos povos coreanos, na época da colonização japonesa, deixavam seu país em direção ao lado colonizador em busca de melhores condições econômicas e sociais, que no território coreano eram adversas.

Nesses deslocamentos, a autora buscou destacar os inúmeros desafios enfrentados por esse povo, como a discriminação étnica e as dificuldades de integração. No contexto da cultura japonesa, a questão da “homogeneidade cultural” promovida no país agravou essa situação em detrimento da diferença, o que fez com que tais pessoas fossem marginalizadas, e que nelas houvesse dúvidas relacionadas ao pertencimento. Dessa forma, essa narrativa de mobilidade e adaptação, captura a essência da experiência de dispersão e a luta contínua por identidade e pertencimento em um novo ambiente.

Quanto aos personagens de Lee, Richa Singh (2020, p.88) afirma que, em *Pachinko*, a autora tentou humanizar todos eles, buscando justificar suas ações, fossem elas boas ou más. A pesquisadora ainda acrescenta que as questões de identidade, migração, estereótipos e discriminação, abordadas na obra, reverberam até o momento presente. Singh (2020) conclui sua análise definindo a obra de Lee como “uma história inspiradora de como o trabalho árduo e o amor podem nos salvar num mundo de ódio.” (2020, p.89).

Os traços característicos da autora em *Pachinko* refletem a questão das novas concepções do gênero romance em meio à literatura coreana ocasionada pela chamada modernização. Conforme Koh (2003, p.03), o movimento de modernização do território coreano, em meio a queda da dinastia Joseon no final do século XIX e a ascensão do Período colonial japonês no início do século XX, fez com que emergisse o “Novo Romance” e o “Romance Moderno”, os quais abriram grandes possibilidades para escritores masculinos e femininos. Nesse contexto, as influências ocidentais contribuíram na construção da escrita de inúmeros autores coreanos.

Moreira (2016) discorre que no círculo feminino, a sensibilidade característica das narrativas femininas, já presente nos antigos “romances de costumes”, começa a penetrar no discurso narrativo do romance moderno coreano, permitindo a abordagem de questões sociais e intimistas sensíveis.

Em *Pachinko*, percebe-se que a escrita de Min Jin Lee, além de fazer referência a realidade, possui essa característica sensível de abordar temas sociais que causam grande impacto na sociedade. A autora investiu uma quantidade significativa de tempo em pesquisa para garantir a precisão histórica de sua história. Seu trabalho minucioso se reflete na autenticidade dos cenários e eventos retratados no romance, desde a ocupação japonesa da Coreia até

meados de 1989. Esse compromisso com o realismo histórico adiciona uma camada de profundidade e credibilidade à narrativa. Outro traço de escrita da autora, é que além de realizar um estudo profundo acerca do assunto que aborda em suas obras, Min Jin Lee interage com pessoas que compreendem e fazem parte da realidade que ela busca escrever. O caso dos *zainichi*, imigrantes coreanos que vivem no Japão, foi o que deu a ela aprofundamento para construir a narrativa de *Pachinko*.

Jennifer Gerson, repórter do site de notícias *The 19th*, em uma entrevista com a autora coreana-americana, revela que o ponto central em toda a obra de Lee é a forma como os personagens começam a se perceber e a entender que o gênero funciona como um instrumento intermediário em interações sociais de poder mais abrangentes. E isso é bastante relativo à escrita da autora, uma vez que, Lee é alguém bastante influenciada pela corrente feminista, e alguém que não ignora questões como o sistema patriarcal, que limita as escolhas das mulheres.

Essa forma de pensamento se faz presente na obra no momento em que são apresentadas figuras femininas, enfrentando os diversos obstáculos que são impostos pelo patriarcado e pela tradição, a exemplo da discriminação de gênero, elemento bastante presente na narrativa.

Além disso, *Pachinko* é uma obra com uma estrutura complexa, na qual os saltos temporais e mudanças de perspectiva mantém a narrativa dinâmica e envolvente, alternando entre diferentes pontos de vista e épocas, o que exige atenção do leitor, mas também oferece uma compreensão mais rica e completa da história, que fazem desta, uma obra literária rica e impactante.

1.3.1 *Pachinko*: uma história sobre mulheres

O livro *Pachinko* é um romance histórico que retrata a saga de quatro gerações de uma família de imigrantes coreanos no Japão, abrangendo grande parte do século XX. A obra escrita por Min Jin Lee, e publicada em 2017, foi bastante aclamada pela crítica internacional, sendo finalista do prêmio norte-americano *National Book Awards*. Em 2022, a obra teve seus direitos de adaptação para série de TV comprados pela companhia de *streaming* da *Apple*, que produziu o drama protagonizado por Kim Min Ha (Sunja) e Lee Min Ho (Hansu), elenco este que resultou em muitas premiações ao *K-drama*.

A obra é organizada em três partes/livros, estruturados em variados capítulos, distribuído em 522 páginas, abrangendo uma história de quase um século (1910-1989). O primeiro livro, intitulado “*Gohyang/Cidade Natal*”, é constituído de 17 capítulos; o segundo recebe o título “Pátria-mãe”, com 18 capítulos; o terceiro e último livro é “*Pachinko*”, e possui 17 capítulos. Aqui é importante ressaltar que estes são elementos constituintes de uma única obra. O livro é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente que conhece tanto a história, quanto os pensamentos dos personagens.

O enredo da narrativa conta a história de várias gerações de uma família de imigrantes coreanos, onde se tem como personagem central, a jovem Sunja, que aos 16 anos apaixonou-se por um homem coreano de classe alta chamado Koh Hansu, e juntos, viveram um curto romance do qual foi gerado um filho. Quando Sunja revela a Hansu que está grávida, ele lhe faz uma confissão que transforma completamente sua vida: ele era casado e tinha três filhas no Japão. Diante da ideia de ter tido uma má conduta como mulher, Sunja decide nunca mais encontrá-lo e o ameaça dizendo que se mataria caso ele a procurasse novamente.

Ao descobrir a gravidez da filha, Yangjin resolve pedir aconselhamento ao jovem pastor Baek Isak, que estava hospedado em sua pensão. Ele prontamente refletiu sobre aquilo e, diante de tudo o que ela e a filha haviam feito por ele, resolveu retribuir, pedindo que Sunja se casasse com ele, assim sua honra não seria manchada e seu filho teria um sobrenome e um pai. Sunja prontamente aceitou a proposta de Isak, assim, os dois se casaram e foram para o Japão, momento que marca o início do desenrolar de uma grande saga em sua vida e na de seus descendentes.

A autora dá início a narrativa com uma frase que pode ser considerada como uma representação do todo desta obra: “A história falhou conosco, mas não importa” (Lee, 2020, p.11). Sentanin (2023, p.9) destaca que essa frase diz respeito a

Uma estória que não está inclusa na História, que ninguém se preocupou em contar, que é quase invisível, até os dias atuais. *Pachinko* é uma epopéia que conta os grandes feitos não de heróis sem rosto e romantizados, mas de pessoas reais e, principalmente de mulheres que, no dia a dia, experimentaram das mais diversas dores afim de sobreviver em um ambiente no qual suas vidas não eram reconhecidas como tal (Sentanin, 2023, p.9).

A narrativa é rica em personagens femininas complexas e multifacetadas, o que a torna uma obra notável em termos de representação feminina. Em diversos momentos da obra, percebe-se que a mulher possui uma certa “invisibilidade social”, por ser vista (muitas vezes pelo homem) como alguém que não é boa o suficiente para ir além do ambiente doméstico. Em cada parte da narrativa é possível destacar que as mulheres têm uma grande presença e participação na obra. Yangjin, Sunja, Kyunghee e Yumi, são algumas das personagens que aparecem durante a narrativa e que possuem vivências diferentes e significativas para a construção dessa ficção.

São, portanto, personagens fortes, que carregam cicatrizes e que acima de tudo, são mulheres. A mãe de Sunja, Yangjin, é um exemplo de mulher forte e determinada. Após a morte de seu marido, ela administrava uma pensão e trabalhava arduamente para sustentar sua filha. Yangjin demonstra o sacrifício e a perseverança que muitas mulheres enfrentam em tempos difíceis.

A protagonista central do romance, Sunja, é uma jovem mulher coreana que enfrenta várias adversidades. Sua força, resiliência e capacidade de adaptação são fundamentais para a sobrevivência e prosperidade de sua família. Desde sua juventude, quando engravida de um homem casado e decide se casar com um pastor cristão para salvar sua honra, até sua vida adulta no Japão, Sunja representa a luta das mulheres para proteger e cuidar de sua família contra todas as adversidades.

A cunhada de Sunja, Kyunghee, também desempenha um papel vital na narrativa. Ela é uma mulher gentil e trabalhadora que oferece apoio emocional e prático para Sunja. Sua relação com Sunja destaca a importância das redes de apoio feminino e a solidariedade entre as mulheres em circunstâncias adversas.

Além disso, ela é uma mulher virtuosa que sempre amou o seu marido e jamais o desrespeitou, mesmo em momentos nos quais ele se mostrou uma pessoa autoritária e orgulhosa. Yumi, a esposa de Mozasu, um dos filhos de Sunja, traz à tona questões de identidade e de pertencimento, onde as dificuldades que enfrenta como uma estrangeira no Japão refletem a complexidade das experiências femininas em contextos multiculturais⁶.

O que estas mulheres têm em comum, é o fato de, frequentemente,

⁶ Remete ao multiculturalismo, que “é o reconhecimento das diferenças e da individualidade de cada um. (Barvaresco; Tacca, 2016, p.61).

colocarem o bem-estar da família acima de suas próprias necessidades e desejos, e de enfrentarem discriminações tanto raciais, quanto de gênero, o que ressalta a questão da opressão pela discriminação.

Entretanto, o fato de estarem diante de uma sociedade patriarcal não impede as personagens femininas encontrarem maneiras de exercer sua independência e autonomia. Sunja, por exemplo, enfrentou seu cunhado para poder trabalhar em um mercado para ajudar a sustentar sua família, enquanto seu marido estava preso injustamente, assim desafiando as normas tradicionais de gênero.

Portanto, apesar da obra centrar-se no contexto de várias gerações de uma família *zainichi*, percebe-se que, através de suas histórias de sacrifício, resiliência e empoderamento, o romance oferece uma visão profunda e comovente da experiência feminina em contextos de migração, guerra e discriminação. Essas personagens não apenas impulsionam a trama, mas também fornecem uma lente pela qual se pode examinar as complexidades e as forças das mulheres em diferentes épocas e culturas.

2 AS NUANCES DA EVOLUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA EM MEIO AO IMPASSE CULTURAL

“Salve sua família. Encha sua barriga. Fique atento e seja cético em relação às pessoas que estão no comando. Se os nacionalistas não conseguirem recuperar o país, deixe que seus filhos aprendam japonês e tente seguir adiante. Adapte-se.”

Min Jin Lee

O contexto cultural e social refletido em *Pachinko* é repleto de desafios e tensões, as quais implicam diretamente na questão identitária dos personagens, em especial as mulheres. Deste modo, para compreender como as identidades são construídas e reconstruídas ao longo do tempo, especialmente em situações de diáspora e migração como as retratadas na obra, busca-se essencialmente, neste capítulo, recorrer aos estudos de Stuart Hall (2006) e Tomaz Tadeu (2014).

Stuart Hall (2006), em suas análises sobre a identidade, enfatiza a ideia de que ela não é um dado fixo, mas um processo contínuo de construção e reconstrução, influenciado por fatores históricos, sociais e culturais. Para ele, as identidades modernas são fragmentadas, ou melhor, “descentradas”, constantemente moldadas pelas narrativas e discursos que permeiam e transformam a sociedade. Sua concepção de sujeito fragmentado dá impulso às discussões acerca das identidades culturais, mais precisamente as identidades nacionais.

As discussões acerca dessa identidade nacional são particularmente relevantes quando aplicadas à trajetória das personagens femininas de *Pachinko*, que negociam suas identidades em meio a um impasse cultural entre a herança coreana e a realidade japonesa, destacando essa questão da necessidade de adaptação àquele contexto.

Tomaz Tadeu, por sua vez, complementa essa visão ao destacar a importância da diferença na formação das identidades. No contexto de *Pachinko*, essa perspectiva contribui na iluminação das dinâmicas de poder e resistência que marcam a experiência das mulheres coreanas no Japão, mostrando como elas constroem suas identidades em um ambiente de marginalização e discriminação

que, em suma, exigia que elas se adaptassem para garantir sua sobrevivência.

Visto a importância dessas contribuições teóricas acerca da identidade cultural, faz-se necessário questionar o que é identidade? E como ela é construída na narrativa de Lee? As respostas a essas questões serão apresentadas nos tópicos seguintes.

2.1 O que é identidade?

Conceituar identidade, na perspectiva dos estudos culturais, é uma tarefa um tanto quanto complexa. De forma abrangente, a identidade é vista como aquilo que caracteriza um indivíduo, por outro lado, na perspectiva teórica, esse fenômeno é definido através de sua associação a chamada globalização e as transformações que esta promove no processo de modernização das sociedades e, consequentemente, dos indivíduos que a integram.

Stuart Hall, um importante teórico e sociólogo britânico-jamaicano, discorre sobre a questão da identidade baseada na premissa de que “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (Hall, 2006, p. 8), assim, destacando as complexidades e a fluidez das identidades no mundo pós-moderno, que abriga “sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (Hall, 2006, p.15).

O teórico ainda argumenta que, ao contrário das identidades estáveis e unificadas do passado, as transformações das sociedades modernas do final do século XX fizeram com que as identidades fossem moldadas por múltiplas influências culturais, sociais etc., que influenciaram nas esferas de classe, gênero, etnia, raça e, principalmente, de nacionalidade.

A descentralização resulta em identidades fragmentadas e em constante transformação, refletindo a diversidade e a multiplicidade de experiências e contextos em que os indivíduos se encontravam. Essa ideia desafia a noção de uma identidade fixa e imutável, e sugere que as pessoas podem assumir diferentes identidades em diferentes contextos e momentos de suas vidas.

Hall (2006) ainda discorre sobre três concepções de identidade formadas em diferentes momentos da história: o “sujeito do Iluminismo”, que proporciona uma visão centrada, unificada e contínua do indivíduo; o “sujeito sociológico” caracterizado pela identidade formada na interação entre o eu e a sociedade,

localizado entre o “interior” e o “exterior”, e por sua vez era mediado por valores e culturas; e o “sujeito pós-moderno” que tende a apresentar uma identidade fragmentada e “deslocada”, sem um núcleo fixo, na qual o sujeito possui “diferentes identidades em diferentes momentos” (Hall, 2006, p.13).

Além disso, Hall (2006) destaca como a globalização e as mudanças na modernidade tardia impactam a identidade cultural, sugerindo que essas transformações desarticulam identidades estáveis do passado e abrem possibilidades para novas articulações e identidades.

Mantendo suas discussões acerca dessa “fragmentação” do sujeito, Hall (2006) aponta como este é posicionado em sua “identidade cultural nacional”. Assim, o autor afirma que:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes, dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazermos isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (Hall, 2006, p.47-48).

Essa concepção reflete a ideia de que as identidades culturais dos sujeitos são construções sociais e culturais, não características biológicas ou genéticas, passando a ser assimiladas pelas pessoas como algo próprio delas, algo natural. Essa questão assemelha-se com o posicionamento de que “as sociedades da modernidade tardia [...] são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (Hall, 2006, p.18).

Ao afirmar que as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela “diferença”, Hall destaca a diversidade e a multiplicidade de identidades presentes nas sociedades contemporâneas. As “posições de sujeito” podem ser associadas aos diferentes papéis e identidades que as pessoas podem adotar em diferentes contextos sociais. As divisões e antagonismos sociais mencionados por Hall podem incluir diferenças de classe, gênero, raça, etnia, sexualidade, religião, entre outras. Essas diferenças produzem diversas formas de ser e de se identificar, refletindo a complexidade e a fragmentação das sociedades contemporâneas.

Através dessa visão de Hall acerca da diferença nas sociedades modernas,

toma-se a relação estabelecida por Tomaz Tadeu entre a identidade e a diferença. Para o autor, a identidade “é aquilo que se é”, “sou homem”, “sou jovem”; já a diferença é um fator oposto a isso, e diz respeito “aquilo que o outro é”, “ela é linda”, “ela é idosa” (2014, p.74).

Esse processo de definição envolve um contraste com o “outro”, ou seja, aqueles que são percebidos como diferentes de nós. No caso de “eu sou brasileiro”, essa identidade é construída em oposição a outras identidades nacionais, culturais, linguísticas e étnicas. Dessa forma, pode-se estabelecer uma relação de “estreita dependência” entre a identidade e a diferença, e definir que elas simplesmente existem.

2.2 A identidade moldada pelo contexto diaspórico

A identidade de um sujeito pode ser construída em diferentes momentos de sua vida, e as culturas nacionais são uma das principais fontes de construção de uma identidade nacional que se tem no mundo moderno. No entanto, de acordo com Hall (2006, p.49), essa identidade nacional não nasce com o sujeito, ela é formada e transformada no interior da representação, que é entendida aqui como “parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura” (Santi H.; Santi U., 2008, p.4).

Partindo dessa perspectiva, a obra de Lee oferece um contexto no qual as personagens femininas desencontram suas identidades nacionais. O contexto diaspórico e os inúmeros conflitos, no qual situa-se o romance, possuem uma grande interferência no processo de construção da identidade feminina na obra de Lee, uma vez que se apresenta uma negociação constante entre o ser e o adaptar-se. Diante deste “jogo” de identidades, o que acontece com a forma como essas personagens se veem cultural e nacionalmente?

Para entender essa visão, faz-se necessário destacar que o ponto central desta discussão está no fato de esses acontecimentos históricos e, principalmente a diáspora, criarem tensões constantes entre a preservação da cultura coreana e a necessidade de assimilação e adaptação à sociedade japonesa por parte das mulheres, em especial na personagem Sunja, que é uma das mulheres que se pode analisar a trajetória antes e depois da migração para o Japão.

Durante o período colonial japonês no território coreano, houveram diversas

migrações que ocasionaram em uma espécie de “jogo” entre as identidades culturais-nacionais daqueles povos. Neste processo de transição de espaço e de cultura, a fragmentação da identidade destes sujeitos é nitidamente posta em jogo.

As influências das relações exteriores, da interação com um meio cultural distinto, implicam diretamente no pensamento de como estes sujeitos lidavam com a questão da construção de sua identidade. A visão do outro, principalmente dos que se inserem na parte colonizadora, apontava discriminadamente a forma como estes sujeitos deveriam ser. Assim, pode-se destacar o pensamento de Hall (2006, p.39) de que “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. Diante das considerações apresentadas, traz-se a situação de Sunja enquanto coreana no Japão. Ela é uma personagem na qual existe o reconhecimento do ser coreana em si, mas ao mesmo tempo existem influências externas japonesas que, de certa forma, acabam por interferir nesse reconhecimento de sua identidade cultural e nacional, a exemplo do conflito de idiomas.

— *Kimchi!* Delicioso *Kimchi!* *Kimchi!* Delicioso *Kimchi!* *Oishi desu!*
Oishi Kimchi!

Aquele som, o som de sua própria voz, parecia familiar, mas não por ser sua voz, e sim porque fazia com que se lembrasse de todas as vezes que fora ao mercado quando menina [...] (Lee, 2020, p.182).

A expressão “*Kimchi*” pertence ao idioma coreano e se refere a um prato em conserva típico da cultura coreana que serve como acompanhamento nas refeições do dia, e “*Oishi desu*” é uma expressão em japonês para indicar que algo “é delicioso”. Então, Sunja utiliza um elemento de sua cultura para ganhar dinheiro e menciona algumas palavras que aprendeu em japonês para atrair clientes japoneses. Nisto há uma certa adaptação ao ambiente, mas ainda assim existe identificação com o lugar de origem.

Em meio a essa realidade tão distante de sua vida anterior, faz-se importante destacar o que Sunja achava sobre aquela abrupta mudança de país. Assim, apresenta-se o fato de que, em um momento anterior, a personagem apresentou o pensamento de que jamais sairia da pequena ilha em que nasceu, pois era lá que sua mãe estava. Contudo, essa visão é desconfigurada ao encontrar Hansu, seu primeiro amor, momento este em que Sunja afirma que não se importaria em deixar

a mãe e ir para qualquer lugar com ele. A interação com Hansu fez com que ela não se preocupasse com a possibilidade de um dia sair dali, mas a situação de sua real saída daquele lugar foi bem diferente do que ela havia imaginado.

Sunja, grávida de Hansu, que era um homem casado e não poderia lhe dar uma vida confortável como sua esposa, decidiu casar-se com Baek Isak e juntos foram morar no Japão, na esperança de oferecerem uma vida melhor para a criança. No momento em que Sunja sai de sua pequena ilha, na Coreia, para um grande e movimentado bairro em Osaka, no Japão, percebe-se que as vestimentas tradicionais coreanas, o *hanbok*⁷ por ela utilizadas não estavam adequadas aos costumes japoneses, fazendo com que ela se sentisse desconfortável com a situação, e mais tarde, se adaptasse ao estilo de vestimenta japonês. Essa situação pode ser observada no seguinte trecho:

Sunja apertou o casaco junto ao corpo, consciente de que as pessoas que passavam repararam em seus trajes tradicionais. Ninguém mais na estação estava vestindo hanbok. [...] Yoseb notou as pessoas olhando para a garota. Ela ia precisar de roupas, pensou (Lee, 2020, p.113).

Nisto, enfatiza-se a questão de que ser coreano/a significava expressar e representar através de símbolos (como por exemplo o *hanbok*) a cultura nacional coreana, e, com isso, tem-se o apontamento de Hall de que as identidades “são formadas e transformadas através da representação” (Hall, 2006, p.49).

Partindo desse viés, esse teórico propõe que a nação não seja apenas uma entidade política, mas também um sistema de representação cultural e uma comunidade simbólica. Essa representação cultural é o que explica o “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” em relação à nação.

Contudo, no contexto da obra, os coreanos que viviam no Japão, em sua maioria, não possuíam esse sentimento de identidade e lealdade em relação ao Japão e tampouco à Coreia, pois um dos países os considerava estrangeiros, enquanto o outro havia “entregado a nação aos ladrões” (Lee, 2020, p.12).

Sunja, por sua vez possuía uma identidade, ela tinha gravado em sua mente

⁷ *Hanbok* (한복) significa literalmente “roupa do povo coreano”. É uma roupa tradicional da Coreia, que manteve suas características tradicionais básicas ao longo dos 5.000 anos de história da Coreia, enquanto seus estilos e formas evoluíram de várias maneiras com base no estilo de vida, condições sociais e gosto estético da época. Disponível em: <https://nanumcoreano.com.br/roupa-tipica-coreana-hanbok-e-a-moda/>.

que era uma coreana e que o Japão não era o seu lar; ela sentia falta da Coreia, mas não podia voltar para lá. No seguinte trecho pode-se entender essa identificação de Sunja a sua terra através da “comparação” com o Japão:

Busan parecia pertencer a outra vida em comparação com Osaka. Yeongdo, sua pequena ilha rochosa, permanecia impossivelmente fresca e ensolarada em sua memória, embora fizesse vinte anos que não colocava os pés lá. Quando Isak tentou lhe explicar como era o Céu, ela imaginou o lugar onde nascera como o Paraíso, de uma beleza límpida e resplandecente. Até a lembrança da lua e das estrelas na Coreia parecia diferente da lua fria do Japão (Lee, 2020, p.262).

No trecho é possível destacar sentimentos de pertencimento e identidade nacional através das lembranças e percepções da personagem sobre sua terra natal em contraste com o lugar onde, até então, vivia. Busan e Yeongdo⁸ são descritas com uma nostalgia idealizada, representando um lar perfeito e paradisíaco, enquanto Osaka é percebida como um local diferente e menos acolhedor. A memória das estrelas e da lua na Coreia é romantizada em comparação com a lua no Japão, simbolizando a conexão emocional e a identidade ligada ao país de origem. Esse contraste evidencia a importância da terra natal na construção da identidade nacional e o sentimento de pertencimento a um lugar que moldou as experiências e memórias da personagem. Essa questão associa-se diretamente com o fato de que:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente ao seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 2006, p.51).

Esses elementos culturais ajudam as pessoas a se identificar com a nação, criando um senso de pertencimento e identidade coletiva. Assim, ao contar histórias, preservar memórias e criar representações visuais, as culturas nacionais moldam a percepção dos indivíduos sobre quem eles são e como se relacionam com seu país.

No caso de Sunja, o impasse cultural implica, de certa forma, uma questão da fragmentação da identidade. Contudo, o retorno às memórias de sua terra faz com

⁸ É uma grande ilha localizada próxima a cidade portuária de Busan, Coreia do Sul.

que o ideal de ser coreana ainda faça parte de sua identidade, não sendo, portanto, tão influenciada quanto os demais personagens pela cultura e ideais japoneses.

2.3 As influências da diferença na identidade feminina coreana.

Na concepção de Tomaz Tadeu da Silva (2014), “Identidade e diferença são relacionais”, ou seja, esses conceitos não existem de forma isolada, mas se definem e adquirem sentido em relação ao outro. Em outras palavras, a identidade de algo é compreendida em contraste com o que é diferente dele, e vice-versa.

A confirmação da identidade, por exemplo “sou coreano”, implica na negação de outras identidades, como “não sou japonês”. Essa ideia se sustenta a partir da perspectiva de que “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilham a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido” (Silva, 2014, p.75).

Como processos de discussão simbólica e discursiva, identidade e diferença estão sujeitas a “vetores de força” e “relações de poder”, ou seja “elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (Silva, 2014, p.81).

Ainda na esteira de Silva (2014), a diferenciação é o processo que produz a identidade e a diferença no qual está presente o poder. Esse poder, por sua vez, possui as marcas da “inclusão” e da “exclusão”, da “demarcação de fronteiras”, “classificação” etc. As identidades de Sunja e Kyunghee se estabelecem como identidades moldadas e definidas em relação às outras, bem como às “relações de poder” que influenciam suas vidas.

As identidades dessas duas personagens são, também, profundamente marcadas por sua condição de imigrantes coreanas no Japão. Essa identidade coreana é reforçada pela negação de sua integração plena na sociedade japonesa. Suas experiências são um constante lembrete de sua diferença, o que as define tanto no contexto familiar quanto social. Isso marca a questão da inclusão e da exclusão, pois “a identidade e a diferença se traduzem, assim, em deslocações sobre quem pertence e quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído” (Silva, 2014, p.82).

A afirmação da identidade de ambos os lados resulta na “demarcação de fronteiras”, numa definição de “nós” e “eles”, que evidenciam as posições destes

sujeitos em meio às relações de poder. Isso fica perceptível neste trecho da obra: “as frequentadoras eram quase todas japonesas e ignoraram deliberadamente Kyunghee e Sunja, como era de se esperar. [...] Os japoneses podiam pensar o que quisessem deles, nada disso importaria se sobrevivessem e prosperassem” (Lee, 2020, p.120). E nisto, ambas as personagens experienciam os processos de inclusão e exclusão. Elas são incluídas na comunidade coreana, mas excluídas da sociedade japonesa.

Um outro aspecto que afirma as relações de poder é a “classificação” que provém justamente dessa definição de “nós” e “eles”, e que consiste em

Ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar (Silva, 2014, p.82).

A classificação, mencionada por Silva (2014), tem implicações diretas na questão da discriminação de gênero na identidade. Ao dividir o mundo social em grupos e classes, a sociedade não apenas organiza as pessoas em categorias, mas também estabelece hierarquias que refletem e reforçam relações de poder. Essas classificações atribuem valores e normas a determinados gêneros, criando expectativas sobre comportamentos, papéis e capacidades que são vistos como “naturais” ou “apropriados” para homens e mulheres.

Essa concepção direciona-se à questão das “relações binárias”, que são apresentadas por Silva (2014) como a forma mais importante de classificação, que estabelece um certo privilégio e carga positiva para um dos termos, e carga negativa para o outro. Nessas relações tem-se, em especial, a questão do homem e da mulher, por existir a concepção de identidade fixa. Em relação a esses dois, um integra o domínio público e o outro fica encarregado do domínio privado. Contudo, esse ponto de vista só realça a questão das relações de poder e da própria diferença.

Os papéis a eles atribuídos são normalizados, e quando esse papel se inverte, como por exemplo na personagem Sunja e em Kyunghee, que depois da morte de Isak, e do acidente de Yoseb passam a ser provedoras da casa e a cuidar do futuro das crianças, é visto como uma anormalidade. Assim percebe-se que esse “anormal” necessita do normal, bem como a identidade depende da diferença.

Sobre isso, Silva (2014,p.84) afirma que “a identidade hegemônica é

permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido.” Sem o “Outro”, a identidade hegemônica perde uma parte fundamental de seu significado. As características e valores da identidade hegemônica são frequentemente construídos em contraste direto com aqueles atribuídos ao “Outro”.

Em outras palavras, a identidade dominante não existe em um vácuo; ela é sempre definida e redefinida em relação àquelas identidades que ela exclui ou subordina. Portanto, considera-se que as personagens, não apenas vivem suas identidades, mas também lutam contra e dentro das forças que tentam defini-las.

3 OS DESAFIOS DA MULHER COREANA DO SÉCULO XX

*“Ninguém se preocupa com uma mulher
pobre... a não ser nós mesmas.”*

Min Jin Lee

O século XX, na Coreia, foi um período bastante conturbado para o povo coreano. A queda da dinastia *Joseon* e o início do período colonial trouxeram inúmeras incertezas ao país e ao povo.

Em *Pachinko*, essa historicidade empregada por Min Jin Lee, além de fazer referência a esse período tão doloroso da história coreana, traz a reflexão das dificuldades históricas e culturais enfrentadas pelas mulheres como o patriarcado, a discriminação racial e de gênero e a pobreza que também implicava na questão da marginalização social.

Em meio a isso, é importante salientar que estes desafios estão, de alguma forma, intrinsecamente relacionados e refletem diretamente na tradição histórica, fortemente influenciada pelo confucionismo e principalmente pelo ideal confucionista das “três obediências”, que fazia com que as mulheres ficassem alienadas a vida doméstica, sem autonomia e sem voz.

Essa filosofia que desempenhou um papel significativo nas sociedades chinesa, japonesa e coreana, influenciou diretamente nas atitudes e valores que contribuíram para a discriminação das mulheres *zainichi* no Japão, que ocorre tanto pelo lado étnico, quanto pela esfera de gênero.

A pobreza é um outro fator que quando relacionado a discriminação étnica e de gênero, torna-se um elemento opressivo, o que enfatiza a questão abordada por Lee na fala da personagem Yangjin, de que somente as mulheres pobres se preocupam consigo mesmas. Para melhor compreender cada uma destas questões na obra de Min Jin Lee, é importante realizar uma breve discussão acerca desses elementos em consonância com a obra em questão.

3.1 O patriarcado na narrativa de Min Jin Lee

Como principal fator de exclusão das mulheres do domínio público, o patriarcado confucionista é um elemento bastante presente na narrativa de Min Jin

Lee, visto que a época retratada no romance (século XX) ainda trazia consigo os resquícios dessa filosofia que já havia sido derrubada pelo processo de modernização que, contudo, ainda estava presente.

Parrilha (2022, p.53) afirma que embora Confúcio não tenha deixado ensinamentos específicos sobre as mulheres, seus discípulos disseminaram a ideia de que as mulheres eram inferiores aos homens, devendo ser marginalizadas e silenciadas. Tal posicionamento fazia com que estas mulheres estivessem inseridas em um contexto de submissão ao patriarcado. Isso se deve ao emprego do ideal confucionista chamado de “três obediências”, que inferioriza a mulher e destaca a questão do domínio masculino. Acerca disso Parrilha (2022) discorre que:

A segregação observada entre os gêneros (reconhecemos que esta terminologia é contemporânea) é responsável por reforçar a subserviência feminina e a supremacia masculina, fator potencializado pela tradição confuciana de obediência aos homens da família, em primeiro lugar ao pai, depois ao marido e, por último, ao filho (Parrilha, 2022, p.54).

Na obra de Min Jin Lee, esse traço pode ser percebido na fala de um personagem no momento em que ele e a irmã se encontraram com um pastor de uma igreja para conversar sobre uma questão de família, onde ele expressa as seguintes palavras: “Nosso pai me deixou no comando enquanto trabalhamos no Japão, me disse para cuidar da minha irmã. Que importância tem que ela seja mais velha? Ela é mulher, e eu sou homem” (Lee, 2020, p.131). Esse posicionamento do personagem revela claramente o aspecto da obediência das mulheres aos homens, o que fica nítido em sua frase “ela é uma mulher, e eu sou homem”.

Silva (2021, p.2) delimita que “o patriarcado em sua totalidade, configura-se como um sistema de dominação que exalta a superioridade do gênero masculino em detrimento da inferioridade e subordinação do gênero feminino”, assim compreende-se que, essencialmente, o patriarcado é um sistema social e cultural onde os homens detêm a maior parte do poder e do privilégio, tanto nas esferas pública quanto privada, enquanto as mulheres são sistematicamente subordinadas.

Já Lauretis (1994, p.223) discorre sobre a questão de que há uma ideologia que beneficia, “não coincidentemente embora não intencionalmente, o sujeito do gênero masculino”. Mesmo sem uma intenção explícita de favorecer um gênero em detrimento do outro, os efeitos dessas ideologias resultam em uma distribuição

desigual de poder e privilégio, perpetuando a dominação masculina.

Esse sistema de dominação é perpetuado por meio de normas, tradições e práticas que mantêm e reforçam a desigualdade de gênero. Estes aspectos podem ser notados principalmente na questão tradicionalista familiar, a qual emprega a mulher como um ser recluso ao ambiente da casa, por vezes considerada como um objeto de reprodução.

Este último fator é empregado no discurso de um jovem japonês, que na tentativa de violentar a protagonista, dizia que “as garotas japonesas são delicadas, não são como essas reprodutoras” (Lee, 2020, p.40), referindo-se às garotas coreanas. Com isso, considera-se a própria violência sexual como uma consequência dos papéis de gênero que são impostos às mulheres e aos homens (Parrilha, 2022, p.29).

Acerca de seu pensamento sobre a relação patriarcal com a violência para destacar seu lugar na sociedade, Heleieth Saffioti afirma que “se é verdade que a ordem patriarcal de gênero não opera sozinha, é também verdade que ela constitui o caldo de cultura no qual tem lugar a violência de gênero, a argamassa que edifica desigualdades várias, inclusive entre homens e mulheres” (Saffioti, 2001, p.133).

Assim, Saffioti (2001) sugere que o patriarcado é um contexto cultural e estrutural que não apenas tolera, mas também promove a violência contra as mulheres, ao mesmo tempo em que cria e reforça hierarquias e disparidades entre os gêneros. As desigualdades de gênero não surgem do nada; elas são construídas e mantidas por meio de práticas e normas patriarcais que são enraizadas na sociedade.

O papel do homem na sociedade e principalmente na família é desempenhado de uma forma conservadora, a qual insiste em manter a mulher na reclusão do ambiente doméstico. Em *Pachinko*, alguns momentos do personagem Yoseb com sua esposa indicam um certo tipo de reafirmação do gênero em virtude da violência, não no sentido de força, mas na relação das palavras por ele proferidas contra a esposa.

Perdeu o juízo? Primeiro, prepara comida para vender embaixo de uma ponte perto de uma estação de trem e agora vocês duas querem trabalhar em um restaurante onde os homens bebem e jogam? Sabe que tipo de mulher frequenta esses lugares? O que vai ser em seguida, servir bebidas para...? (Lee, 2020, p.193).

Marilena Chauí, em suas discussões sobre a violência e a mulher (1985, p.35) descreve acerca do entendimento que se tem por violência, como uma realização determinada das relações de força, tanto em termos de classes sociais quanto em termos impessoais. Nisto, a autora contextualiza sobre os ângulos com os quais essa violência é considerada: a “conversão dos diferentes em desiguais” e a “ação que trata o ser humano não como sujeito, mas como uma coisa” (1985, p.35). Em associação ao primeiro ângulo, pode-se citar a questão do cunhado de Sunja não permitir que ela e a esposa dele trabalhassem para ajudar com as despesas da casa. No trecho extraído da obra observa-se que:

O que seu cunhado estava dizendo era que uma mulher *yangban* como Kyunghee não podia trabalhar fora de casa. Sunja era filha de uma camponesa comum, então podia trabalhar em um mercado. A distinção não incomodava Sunja, que concordava que Kyunghee era uma pessoa superior a ela em muitos sentidos. No entanto, vivendo com Kyunghee e falando tão abertamente com ela sobretudo, também sabia que a cunhada sofria pelo que não podia ter e talvez fosse mais feliz tentando a sorte como uma *ajumma* do *Kimchi* (Lee, 2020, p.147).

O personagem Yoseb, cunhado de Sunja, posiciona as duas mulheres em um lugar de inferioridade, criando uma espécie de hierarquia dentro de sua casa. Com sua fala ele idealiza o tradicional conceito de que o homem deve trabalhar e a mulher ficar em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Essa ideologia é claramente uma forma de oprimir os desejos e vontades da figura feminina em meio ao trabalho. Nisto, as ações de Yoseb culminam nessa conversão, estabelecendo a ideia de existência de um papel superior (homem) e inferior (mulher), configurando-se como uma forma de violência, não como uma “relação de força”, uma vez que esta

Visa, em última instância, a aniquilar-se como relação pela destruição de uma das partes. A violência, pelo contrário, visa manter a relação mantendo as partes presentes uma para a outra, porém uma delas anulada em sua diferença e submetida à vontade e à ação da outra (Chauí, 1985, p. 35).

Diferentemente das relações de força, a violência tem o objetivo de manter a relação entre as partes. No entanto, a manutenção dessa relação ocorre de forma desigual, onde uma parte anula a diferença da outra, subjugando-a e impondo sua vontade e ação sobre ela. Assim, a violência não busca destruir uma

das partes, mas sim submeter e controlar, mantendo a relação de poder de forma contínua e desequilibrada.

Em outras palavras, enquanto a relação de força tende a eliminar uma das partes e, portanto, a relação em si, a violência preserva a relação ao manter as partes presentes, embora em uma dinâmica de dominação e submissão. Quanto ao segundo ângulo que configura o ser humano não como um sujeito, mas como uma coisa, pode ser notado em uma das falas do mesmo personagem:

Perderam o juízo? Que tipo de mulher vai a uma loja de penhores? — Yoseb olhou para Sunja com severidade. — Como uma mulher pode fazer uma coisa dessas? [...] Mulheres estúpidas! Como vou encarar esses homens novamente, toda vez que sair na rua, sabendo que duas mulheres estúpidas pagaram minhas dívidas? (Lee, 2020, p.158).

A atitude de Yoseb demonstra que, a partir do momento em que ele produz esse questionamento de “que tipo de mulher vai a uma loja de penhores?”, ele desconsidera a mulher como um sujeito que tem voz, direitos, desejos e vontade própria. Na tentativa de anular a atitude das mulheres com relação a venda de um relógio, ele incita a violência, pois, de acordo com a pesquisadora Joana Sueli Lazari, no texto *Inferioridade Feminina: O (des)enredo da violência*, em que retoma os estudos da filósofa Marilena Chauí:

A violência perfeita é aquela que obtém a interiorização da vontade e da ação alheias pela vontade e pela ação da parte dominada, de modo a fazer com que a perda da autonomia não seja percebida, nem reconhecida, mas submersa numa heteronímia que não se percebe como tal (Chauí *apud* Lazari, 1991, p. 4).

Nisto, a autora sugere que a violência tida como perfeita é aquela que consegue fazer com que a pessoa dominada internalize a vontade e a ação do dominador, de forma que a perda de autonomia não seja conscientemente percebida ou reconhecida. A submissão ocorre de maneira tão sutil que a pessoa dominada não se dá conta da própria falta de autonomia, pois sua vontade e ação estão submersas em uma dinâmica heterônoma, onde a influência externa não é percebida como tal.

Com isso, é perceptível que os impactos do patriarcado sobre a figura feminina provaram que seus ideais conservadoristas conseguiram refletir diretamente na forma como a sociedade, e principalmente o homem, a viam em

determinados momentos.

3.2 A discriminação étnica e de gênero como elo narrativo

O significado da palavra “discriminação” está repleto de pluralidade, e por isso, não possui um conceito unívoco. Thomas Sowell (2019, p.21), em sua obra *Discriminação e Disparidades*, aborda e define dois tipos de discriminação. O primeiro refere-se a “Discriminação I”, que diz respeito ao discernimento das qualidades de coisas e/ou pessoas. O segundo tipo por ele abordado, é definido pelo ato de tratar as pessoas de forma negativa, com base em suposições infundadas ou aversão a indivíduos de uma determinada raça ou sexo.

A “Discriminação II”, por ele definida, aborda dois fatores que, na obra de MinJin Lee, são essenciais para a construção da narrativa: *a discriminação étnica*, voltada a raça, e *a discriminação de gênero*, voltada ao sexo. Ambas estão repletas de conotações negativas em relação aos sujeitos conhecidos como *zainichi* (pessoas que deixaram seu país, nesse caso a Coreia, para se estabelecerem no Japão). Preconceitos e estereótipos são assim formados para limitar as oportunidades desses sujeitos e intensificar as desigualdades no meio em questão.

Como fator contributivo para a discriminação étnica dos *zainichi* no Japão, “a ideologia da homogeneidade étnica e cultural japonesa efetivamente barrou a plausibilidade no Japão do termo coreano-japonês” (Lie, 2008, p.XI). Na obra, esse fato está presente no pensamento do filho mais velho de Sunja, Noa, que possui o desejo incessante de ser reconhecido pela sociedade japonesa como parte dela, o que o faz omitir suas origens em alguns momentos, pois apesar de ter nascido no Japão, o fato de nascer de pais coreanos o tornava um “estrangeiro” naquela terra. A exemplo disso, tem-se a tentativa dele de conseguir um emprego na cidade de Nagano, no Japão, para onde havia fugido da família após descobrir quem era seu verdadeiro pai.

“— **Você não é estrangeiro, é?** Jure que não. Noa tentou não parecer surpreso com a pergunta. — **Não senhor. Sou japonês.** — Bom, bom – respondeu Takano. — Saia do meu escritório e vá falar com Ikeda-san” (Lee, p.364-365, grifo nosso).

Em um país que prezava tanto pela valorização da homogeneidade étnica e

cultural, os *zainichi* enfrentavam as mazelas da sociedade tentando fazer parte dela. Contudo, essa realidade que assolava a comunidade de “coreanos-japoneses” durante o período colonial, impactava em dobro as mulheres *zainichi* pelo simples fato de serem mulheres e “estrangeiras”.

Desse modo, o paralelo da questão étnica e de gênero, particularmente o feminino, constituem um outro elemento fundamental para a construção da representação feminina em *Pachinko*, onde o preconceito relativo às mulheres principiava de comportamentos, práticas e ideologias que favoreciam um/uma sexo/raça em detrimento do outro.

Nisto pode-se inferir que as mulheres *zainichi* são postas em uma intersecção de opressões, ou seja, o fato de serem mulheres coreanas, em um país estrangeiro, as posicionavam em uma situação de dupla discriminação, em que tanto a etnia quanto o gênero contribuíam com a construção de estereótipos e crenças negativas acerca dessas mulheres.

O machismo é a forma mais comum de discriminação específica contra as mulheres. Gerda Lerner (2019, p.391) define o machismo como “a ideologia de supremacia masculina, de superioridade masculina e de crenças que a apoiem e sustentem”. Nesse sentido, essa ideologia pode ser observada em normas e práticas que limitam as oportunidades e os direitos das mulheres, reforçando a ideia de que elas devem ocupar uma posição secundária na sociedade.

Essa questão reflete que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em meio ao cenário colonial criam camadas de opressão que, na narrativa de Lee, são exploradas de forma profunda e complexa. Para dar ênfase a este posicionamento, apresenta-se o seguinte trecho da obra, no qual é possível identificar estas duas formas de discriminação contra as mulheres *zainichi*

Sunja tinha dezesseis anos e era uma garota forte. Imaginou que os rapazes japoneses a tivessem confundido com alguém mais jovem e tentou soar mais autoritária. — O que foi? O que foi que ela disse? — perguntaram eles em japonês, rindo. — Não entendemos o que disse, sua vadia fedida (Lee, 2020, p.39).

O tempo cronológico dessa passagem situa os personagens no período de colonização japonesa, até então vigente na Coreia, e a família de Sunja ainda residia no território coreano. O uso da língua japonesa pelos jovens que implicam com Sunja, que não compreende o idioma japonês, e a forma como questionam o

que a personagem fala em coreano, fazem com que haja uma marginalização do sujeito coreano em consequência da barreira linguística e da heterogeneidade cultural existente, e situem o sujeito na falsa visão histórica de que “os coreanos são inferiores e os japoneses são superiores” (Seok; Chung, 2022, p.435).

A questão da discriminação relacionada ao gênero feminino dentro da fala do jovem japonês apresenta-se nas últimas palavras do trecho acima, que soam como insultos sexistas. Através da expressão “vadia fedida” e, posteriormente, “vadia estúpida”, o jovem cria um discurso depreciativo em relação à Sunja como mulher, o que pode ser configurado como uma desmoralização da personagem baseada em seu gênero.

Diante disso, Ilham Khechab (2021, p.27) apresenta o fato de que “as personagens femininas em *Pachinko* fizeram sacrifícios para sobreviver sob os estereótipos de sexismo comum naquela época, em que as mulheres eram consideradas inferiores aos homens”. Dessa forma, postula-se a ideia que as mulheres eram duplamente “inferiores”. “Inferiores” em questão de gênero para os homens japoneses e coreanos, e eram “inferiores” no que diz respeito à questão de sua etnia, na concepção de alguns homens japoneses.

As circunstâncias hostis que inúmeras vezes causavam a segregação destas mulheres *zainichi* em relação aos japoneses faziam com que elas experimentassem todas as formas de intolerância e exploração na sociedade colonial japonesa. A partir desse viés, tem-se a afirmação de Khechab (2021, p.34) sobre o fato de que essas personagens “sofreram décadas de discriminação e opressão no Japão”.

Com isso, entende-se que as personagens femininas de *Pachinko* sofreram e resistiram às múltiplas camadas de opressão, o que ressalta a profundidade e complexidade dessas hostilidades no interior da narrativa.

3.3 A pobreza como fator opressivo

Ser mulher em uma sociedade patriarcal, especialmente no contexto dos *zainichi* no Japão do século XX, significa enfrentar uma confluência de opressões de gênero, etnia e de pobreza.

As diferenças relativas ao papel dos gêneros na sociedade do período

colonial japonês implicavam diretamente no princípio de que “homens e mulheres são biologicamente diferentes, mas os valores e as implicações baseados nessa diferença resultam da cultura” (Lerner, 2019, p.38). Através desse ponto de vista, Gerda Lerner destaca que a forma como se interpreta e se valoriza as diferenças entre homens e mulheres é determinada pelas normas, crenças e práticas sociais de uma determinada cultura. E em que essa diferença culturalmente determinada se relaciona a questão da pobreza como um fator imbuído de opressões?

Culturas diferentes atribuem diferentes expectativas e responsabilidades a homens e mulheres. Em algumas sociedades, espera-se que os homens sejam os provedores financeiros, enquanto as mulheres cuidam da casa e dos filhos. Essas expectativas não são ditadas pela biologia, mas por tradições e normas culturais.

Em algumas culturas, as mulheres podem ser desencorajadas ou impedidas de seguir carreiras específicas ou alcançar posições de liderança, inclusive na família, não por incapacidade biológica, mas por normas sociais discriminatórias. No período colonial japonês, essas construções culturais se manifestavam em papéis de gênero rigidamente definidos, que impactavam diretamente as oportunidades e a qualidade de vida de homens e mulheres de maneiras distintas. Quando se examina a relação entre essas construções culturais de gênero e a questão da pobreza, percebe-se que a pobreza é exacerbada pelas opressões de gênero.

Nesse contexto, o patriarcado, através da hierarquização dos gêneros, impõe-se como um constante obstáculo que promove essa dicotomia entre os papéis de gênero, afirmando sua “dominação” sobre a figura feminina. Mas como essa dicotomia imposta pelo patriarcado através dos valores culturais se aplica ou se associa às mulheres *zainichi* em *Pachinko*? A resposta está intrinsecamente ligada ao sistema patriarcal confucionista que, de acordo com Sentanin (2023, p.73-74):

desde seu início, caracterizou-se por ser extremamente patriarcal, no sentido de ser uma sociedade na qual prescreve-se que os homens exerçam mais autoridade que as mulheres, onde as mulheres pertencem exclusivamente à vida privada e os homens à vida pública, lugar de onde eles criam e ditam as regras para a vida em sociedade (Sentanin, 2023, p.73-74).

Isto destaca a ideia de que as mulheres têm seus papéis definidos em

meio as relações com o sexo oposto. Se o homem tem a função de ir para a esfera pública, prover o sustento da família, a mulher só resta, por sua vez, cuidar do lar e dos filhos. Por meio disso, faz-se necessário reafirmar que o patriarcado confucionista prescreve papéis distintos e desiguais para homens e mulheres, em que os homens dominam o espaço público e criam as regras que governam a sociedade, enquanto as mulheres são relegadas à vida privada.

Partindo desse ponto de vista, chega-se à questão da opressão por meio da pobreza. Em momentos distintos, e em personagens distintas, é possível localizar os elementos opressivos em meio a situação de pobreza, que era designada aos coreanos que viviam no Japão, como uma forma de reafirmar as discriminações relacionadas a etnia e ao gênero, especificamente ao feminino, e identificar em que ponto esse *status* do homem como provedor da casa recai sobre as mulheres em *Pachinko*.

A história dos jovens irmãos que buscavam aconselhamento ao pastor de uma igreja foi, anteriormente, apresentada para descrever a questão do patriarcado dentro da narrativa através do discurso do irmão da jovem, que não é introduzida por um nome específico. O fato é que essa mesma situação se adequa à intersecção entre pobreza e opressão. Essa jovem mulher que trabalhava, mas não ganhava o suficiente para sustentar seu irmão e proporcionar a ele uma boa educação, ainda ficava incumbida de enviar dinheiro para os pais, o que fazia com que ela cedesse aos caprichos de seu chefe, que aproveitava a situação da moça para ganhar “sua companhia”. No seguinte trecho, tem-se a justificativa da personagem de aceitar tais investidas do chefe.

Os japoneses tomaram a fazenda do nosso tio. Não podemos voltar para nosso país porque não há emprego. Se um japonês quiser me dar dinheiro para jantar com ele, não vejo mal nisso — argumentou a irmã.

— Se me oferecesse o dobro, eu aceitaria. Ele não me dá tanto dinheiro assim (Lee, 2020, p.131).

As intenções do chefe ficam claras quando expostas pelo pastor Yoo no momento em que este diz que o chefe “não deseja nada além de sua companhia por enquanto, mas pode ser que mais tarde deseje outras coisas e você estará em dívida com ele” (Lee, 2020, p.134). Com isso, a jovem é posta em uma situação de vulnerabilidade, a qual torna-se um caminho viável para a exploração da garota por parte do chefe japonês, que implica diretamente no fato de ela ser mulher e não

japonesa.

Essa questão reflete bastante o pensamento de Kim-Wachutka (2019 *apud* Sentanin 2023, p.10), no qual discorre que “as mulheres *zainichi* viveram uma verdadeira miríade de experiências envolvendo colonização, nacionalidade, pobreza, guerra e divisão de sua terra natal”. A pobreza agrava as discriminações sofridas pelas mulheres *zainichi* em diversos contextos (étnico, econômico e sobretudo relativo ao gênero). A luta diária pela sobrevivência as tornava mais vulneráveis à exploração e a discursos opressivos.

Outra personagem que está posicionada nessa relação da pobreza como fator opressivo é a cunhada de Sunja, Kyunghee. Após ela e sua cunhada serem alertadas sobre a dívida que o marido tinha com um agiota, não mediram esforços em procurar um comprador para um relógio que Sunja havia ganhado de Koh Hansu, o homem que se aproveitou de sua inocência e ingenuidade anos atrás. A seguir, um trecho de um diálogo entre Kyunghee e Sunja enquanto corriam em busca de um penhorista para comprar o relógio:

—Eu não quero que você faça isso — disse Kyunghee.

— Meu pai me falou sobre esse tipo de gente. Se a dívida não for paga de imediato, os juros aumentarão cada vez mais, e vocês nunca vão conseguir pagar tudo. [...]

— Se soubesse, eu teria parado de enviar dinheiro para nossos pais — murmurou Kyunghee para si mesma (Lee, 2020, p.150).

Após tal feito, as mulheres conseguiram pagar a dívida, que o marido de Kyunghee, que trabalhava em uma fábrica no Japão, sequer conseguiria pagar em tão pouco tempo. No entanto, a atitude de Yoseb em relação a ação das mulheres é algo um tanto quanto drástica, pois em meio a raiva e o orgulho ferido, ele grita com a esposa pela primeira vez, questionando: “onde você conseguiu o dinheiro? - gritou Yoseb, com a nota promissória cancelada na mão” (Lee, 2020, p.157). Isso acaba por refletir na forma de como a pobreza pode levar à opressão dentro das dinâmicas familiares e sociais.

A indignação de Yoseb, expressa por meio de gritos, mostra como ele se sente ameaçado pela capacidade das mulheres de resolver um problema que ele, como homem da família, não conseguiu resolver. Isso revela um sentimento de perda de controle e de desafio à sua autoridade tradicional como provedor. A opressão aqui se manifesta não só através das dificuldades econômicas, mas

também pela manutenção de papéis de gênero rígidos que restringem a agência das mulheres.

Assim como na situação anterior, a interseção entre pobreza e gênero fica evidente, pois a pobreza exacerba a opressão de gênero, colocando as mulheres em posições onde precisam tomar medidas extremas para garantir a sobrevivência. No entanto, a narrativa de *Pachinko* também revela a resistência e a resiliência das mulheres coreanas no Japão que, apesar de serem subjugadas pelas normas do patriarcado, encontram formas de navegar e desafiar essas restrições, mostrando a complexidade e a força inerente em suas vidas.

Sunja, a protagonista, exemplifica isso ao assumir o papel de provedora para sua família após a morte do marido, e, posteriormente, ao acidente sofrido por Yoseb com a explosão da bomba atômica de Nagasaki⁹. Ela trabalha incansavelmente para sustentar seus filhos e manter a unidade familiar, sacrificando suas próprias ambições e desejos pessoais. Assim, “essas mulheres foram capazes de sobreviver e garantir a sobrevivência de sua família em meio a uma existência in(humana)” (Sentanin, 2023, p.11).

⁹ Em 9 de agosto de 1945, Nagasaki foi alvo de uma bomba atômica de plutônio, denominada “*Fat Man*”, explosão que matou cerca de 70 mil pessoas, de imediato, durante a II Guerra Mundial. (MOURÃO, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise literária e do contexto histórico, esta pesquisa buscou compreender como as mulheres em *Pachinko* eram representadas, uma vez que estas lidavam com uma sociedade que tentava constantemente defini-las como um “Outro”, um ser menor e inferior ao homem.

O estudo começou com uma breve discussão acerca da formação da literaturacoreana e da participação feminina neste espaço, na qual destacou-se a importância de promover um cenário mais representativo para as mulheres coreanas.

Em relação a identidade feminina coreana na diáspora, abordou-se que esta era moldada por um constante processo de inclusão e exclusão, onde a identidade hegemônica japonesa subordinava e marginalizava as identidades coreanas. Nesse contexto, observou-se que as personagens de Lee não apenas viviam suas identidades, mas também lutavam contra e dentro das forças que tentavam defini-las, encontrando força e resiliência em sua alteridade.

Ao partir da ideia de que as personagens femininas estavam postas em um ambiente completamente indiferente a elas, visou-se descrever e analisar os inúmeros desafios que estas mulheres enfrentaram ao longo de sua trajetória na narrativa de Lee.

O patriarcado, a discriminação e a pobreza, foram os principais desafios destacados entre as inúmeras dificuldades defrontadas pelas personagens na obra. Isso configurou-se em uma análise que objetivasse descrever esses desafios e em como a mulher era retratada através deles.

A obra de Min Jin Lee revelou a complexidade das vidas das mulheres *zainichi* no Japão, as quais enfrentavam múltiplas camadas de discriminação e opressão, além das violências do patriarcado e da pobreza que agravava a situação destas. No entanto, também destacou-se a resistência e a resiliência dessas mulheres, que encontraram maneiras de desafiar as restrições impostas pela sociedade patriarcal, mesmo que indiretamente ou não intencionalmente.

No que diz respeito ao patriarcado, estas mulheres (Sunja e Kyunghee), sofreram essa sobreposição de papéis no ambiente doméstico e fora dele. Elas eram personagens que, segundo a perspectiva dos personagens masculinos, não

poderiam ter autonomia ou frequentar qualquer lugar que quisessem, tampouco trabalhar para ajudar com as despesas da casa.

Contudo, elas e também Yangjin, reverteram essa situação e passaram a ser as provedoras da casa: Yangjin no momento em que o marido morre e ela passa a administrar uma pensão sozinha para garantir sua sobrevivência e a da filha; Sunja no momento em que o marido morre, no qual ela começa sua jornada trabalhando fora de casa; e Kyunghee no momento da morte do cunhado e do acidente do marido ajuda Sunja fazendo *kimchi* para vender e mais a frente fornecendo esse *Kimchi* a um restaurante. Assim elas foram capazes de seguir suas vidas com autonomia e resiliência para sobreviver em meio aquela realidade que não as aceitava como parte dela. Além disso, a pobreza como fator opressivo também se inseriu nessa discussão como algo relacional ao patriarcado e às discriminações sofridas pelas personagens femininas na obra.

Assim, acreditamos que os objetivos foram alcançados, e o alcance do objetivo geral volta-se diretamente para a problemática inicialmente levantada de como se dá a representação da figura feminina na obra de Min Jin Lee, na qual a resposta foi promovida pelo fato de a representação ocorrer através da persistência das mulheres em meio às adversidades e ideologias que as cercavam, destacando que sua resiliência e força também poderiam realocar seu papel na sociedade, o que é retratado na inversão dos papéis de Sunja e Kyunghee em relação a Yoseb como provedoras da casa.

Para além desta questão acerca da representação feminina, a obra também oferece uma grande possibilidade de futuras pesquisas ou aprofundamentos, para estudantes que estejam interessados nesse viés da literatura coreana, em relação a própria discriminação contra os povos coreanos no Japão, os impactos das guerras na vida desses povos, questões de conflitos identitários não só nas mulheres, mas em muitos outros personagens masculinos da trama. Esses temas são de grande relevância acadêmica e podem contribuir para uma maior compreensão e respeito por essa cultura e seu povo, promovendo uma sociedade mais inclusiva e informada.

REFERÊNCIAS

BARVARESCO, Paulo Ricardo; TACCA, Daiane Paula. **Multiculturalismo e diversidade cultural: uma reflexão**. v.7. UNOESC& Ciência. Santa Catarina, 2016. 61-68 p.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. Contexto. São Paulo, 2021. 272 p.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In:____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Participando do debate sobre violência e mulher**. In: CARDOSO, Ruth, et.al. Perspectivas antropológicas da mulher. v.4. Zahar Editorial. Rio de Janeiro, 1985. 23-62 p.

CHO, Dongil. **Historia de la literatura coreana**. 1ª Ed. Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú. Perú, 2000. 394 p.

CHO, Namhyun. **La prosa moderna**. In: Historia de la literatura coreana. 1ª Ed. Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú. Perú, 2000. 341-390 p.

GERSON, Jennifer. **Min Jin Lee wants to keep building on the Asian-American experience in real life and on the page**. The 19th. Estados Unidos, 2022. Disponível em: <https://19thnews.org/2022/05/min-jin-lee-pachinko-asian-american-identity-experience/>. Acesso em 16 de Junho de 2024.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes L. 11ª ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2006.

KOH, Helen. **Women And Korean Literature**. The Korea Society, 2003.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de(org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rocco. Rio de Janeiro, 1994.

LAZARI, Joana Sueli. **Inferioridade Feminina: O (des)enredo da violência**. Revista de Ciências Humanas. Vol 7, n 10, 1991.

LEE, Min Jin. **Pachinko**; Tradução Marina Vargas .1ª ed. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro, 2020.

LEE, Peter H. **A history of Korean literature**. Cambridge University Press, 2003.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**; tradução Luiza Sella. 1ª ed. Cultrix. São Paulo, 2019.

MACENO, Regilane Barbosa. **O colonialismo e suas implicações na literatura**

contemporânea: identidades cambiantes na trilogia as areias do imperador, de Mia Couto. 2021. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MOREIRA, Camila Reis. ***The Vegetarian de Han Kang***: Literatura Coreana Traduzidano Brasil. Brasília, 2016. 131 p.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Hiroshima e Nagasaki**: razões para experimentar a nova arma. SCIENTLE studia. São Paulo, v. 3, n. 4, p. 683-710, 2005.

PARRILHA, Ariel da Silva. **As “mulheres de conforto” coreanas e a violência sexual estratégica**: uma análise. Marília, 2022. 134p.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ª ed. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2004.

SCHWANTES, Cíntia. **Dilemas da Representação Feminina**. V.6. OPSIS. Rio de Janeiro, 2006.

SENTANIN, Clara Decol. **A formação da identidade coletiva das mulheres zainichi como manifestação do internacional no cotidiano**. Uberlândia, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Vanessa Amancio da. **Seres Moldados**: o patriarcado ao longo da história esua influência nas Relações sociais. São Luís, 2021. 15.p

SO, Carolyn. **Early twentieth-century fiction by women**. In: A history of Koreanliterature. Cambridge University Press, 2003.

SOWELL, Thomas. **Discriminação e disparidades**. Tradução: Alessandra Borrunquer. 1. ed. Record. Rio de Janeiro. 2019.

YUN, Choe. **Late Twentieth-century fiction by women**. In: A history of Koreanliterature. Cambridge University Press, 2003.